

A NÃO PERDER

MUSEUS PARA UMA SOCIEDADE SUSTENTÁVEL

PEÇA DO MÊS

11 ABRIL

10H00 | Visita guiada ao Castelo de Palmela

Ponto de encontro - Igreja de Santiago

14H30 | Visita guiada ao Centro Histórico - vila de Palmela

Ponto de encontro - Chafariz de D. Maria I

Visitas orientadas por voluntário do Museu Municipal de Palmela

Frequência gratuita. **Duração:** 1h30**Limite de inscs.:** 15 (até às 12h00 de 9 abril)**Inscs.:** patrimonio.cultural@cm-palmela.pt | 212 336 640**Org.:** Câmara Municipal de Palmela e Dr. António Lameira**12 ABRIL | 10H00-12H30 | CENTRO MOINHOS VIVOS - SERRA DO LOURO, PALMELA****Dia dos Moinhos Abertos de Portugal*****Moinho aberto e uma burricada por perto*****Destinatários:** Famílias. **Insc.:** prévia gratuita até 9 abrilpatrimonio.cultural@cm-palmela.pt | 212 336 640**Org.:** Câmara Municipal de Palmela e Centro Moinhos Vivos**13 ABRIL | 12H30 | PQ. VENÂNCIO RIBEIRO DA COSTA, PALMELA****Dia das Merendas**

Na segunda feira após o domingo da Pascoela, celebra-se tradicionalmente a segunda feira das Merendas. Convidamo-lo a juntar-se a nós, neste dia, para passar a tarde no Parque Venâncio Ribeiro da Costa. Traga a sua merenda!

Participação gratuita.

Info.: patrimonio.cultural@cm-palmela.pt | 212 336 640**Org.:** Câmara Municipal de Palmela**18 ABRIL | 16H00 | CASTELO DE PALMELA****Dia Internacional dos Monumentos e Sítios**O Museu Municipal de Palmela associa-se às comemorações do Dia Internacional dos Monumentos e Sítios. As atividades programadas enquadram-se no tema definido pelo ICOMOS: «*Conhecer, explorar e Partilhar*», o nosso património cultural.Participação gratuita. Programação em www.cm-palmela.pt**Info.:** patrimonio.cultural@cm-palmela.pt | 212 336 640**Org.:** Câmara Municipal de Palmela / Museu Municipal de Palmela

A NÃO PERDER

MUSEUS PARA UMA SOCIEDADE SUSTENTÁVEL

PEÇA DO MÊS

No Dia Internacional de Monumentos e Sítios e no Ano Internacional da Luz que, por decisão da Assembleia Geral das Nações Unidas e dinamizado pela UNESCO, visa consciencializar os cidadãos para a importância da luz e a sua pertinência em matéria de desenvolvimento, o Museu Municipal associa-se à comemoração da data, convidando a visitar o Castelo de Palmela. «*Conhecer, explorar e partilhar*» o monumento à luz das novas tecnologias, um percurso da história da iluminação, é o mote para a descoberta.

O museu promove o diálogo e a valorização da cultura material como eixos de ação, fomentando a relação próxima entre território e comunidades. No caso particular da iluminação pública, foi, sobretudo, a partir da segunda metade de Oitocentos, que empresários e poderes públicos procuraram - em nome do progresso e da segurança - dotar as principais vias públicas de uma rede de iluminação. Neste contexto, instalou-se a iluminação artificial em suportes abastecidos a gás, que, pela novidade, causaram um forte impacto nas populações, pois esta fonte de luz viva veio vencer a opacidade da noite e, consequentemente, alterar os comportamentos e o habitat.

Produto de um passado recente, anterior à lâmpada e ao progresso da luz elétrica, a tecnologia de iluminação a carboneto desperta, pela sua funcionalidade, o apelo à memória aqui ilustrada em vários testemunhos.

«*Na parte de Cabanas [Palmela] havia uns candeeiros que tinham um produto branco que se chamava carbureto e havia um senhor da Quinta do Anjo que se chamava Salvador, que era o coveiro. Era o homem que ia acender os candeeiros todos os dias. Levava uma escada às costas, acendia primeiro na Quinta do Anjo, que era a freguesia, e depois entrava em Cabanas e começava a acender os candeeiros, logo ao princípio de Cabanas até ao final. Também não eram muitos! Eram para aí uns quatro ou cinco. O Sr. Salvador, com uma escadinha e com a caixa de fósforos – que ainda não existia isqueiro, naquele tempo existia, mas era um isqueiro com uma torcida a petróleo - ia acender, portanto, os candeeiros. Lembro-me perfeitamente. Isso ficou-me gravado - como isso era giro! - ver o homenzinho ir acender os candeeiros. Todos os dias tinha aquilo ligado.»*

«*- Os candeeiros eram um poste circular em ferro, tinha uma base em baixo e tinha a lanterna em cima, e aguentava; tinha alguma resistência para ele encostar a escada e aguentar com o peso dele enquanto ia acender o candeeiro. Lembro-me perfeitamente disso. Eu era garoto (...), e vinha vê-lo acender os candeeiros.»*

Carlos dos Reis Rafael [1932]. Palmela, 2014
Arquivo de Fontes Orais - Museu Municipal



Castelo de Palmela – Praça de Armas

Designação: Candeias

Proveniência: Depósito (Inv.: 2001.04.D 394 e 395 D)

Matéria: Folha-de-flandres

Cronologia: Primeira metade do século XX

Dimensões: 140x110 mm; diâm.: 70 mm; tubo: 140 mm e 120x120 mm; diâm.: 85 mm; tubo: 180 mm

Inicialmente usada nas minas, a candeia a carboneto, também conhecida por gásómetro, era utilizada na iluminação, em áreas de interior ou no exterior. A iluminação resultava da combustão da carbite ou carboneto de cálcio (incorretamente designado *carbureto*), que era empregue na produção de acetileno.

O suporte da candeia era constituído por dois depósitos acoplados, de secção circular, onde se depositava, em separado, o carboneto e a água, e o funil onde se introduzia o pó de acetileno (branco), ao qual era adicionado água. Da mistura dos dois elementos libertava-se um gás com chama muito luminosa, o hidrogénio, que era conduzido por um tubo ou mangueira até ao queimador (na parte da frente), onde se regulava a intensidade da chama.

Este par de candeias - uma numerada (4) -, está incompleto, faltando-lhes a secção inferior, e foram forjadas na Herdade de Algeruz, pertencendo à Coleção da Adega¹. Adaptadas com sistema de suspensão móvel, eram utilizadas suspensas, como luminárias.

De uso móvel serviam também para iluminar o interior das ânforas² na operação de limpeza, quando, após a fermentação, se fazia a remoção das massas.

A este propósito, Fernando Loureiro³ recorda: «*Estavam penduradas duas a três, ou mais, por cada ala da adega*». Delas também se recorda João Silva⁴, que as reconheceu: «*(...) estavam guardadas na arrecadação ao lado da abegoaria onde tinha o gado, [pois] naquela época [1962] a iluminação já se fazia a gerador, quer na adega, quer na hacienda; nos restantes equipamentos do empreendimento rural (casario e outras acomodações), a iluminação era feita a candeiro a petróleo*».

¹O nosso agradecimento a João Filipe Vinhas Barroso, proprietário da Adega de Algeruz (antigo núcleo museológico do Vinho e da Vinha). Localizada na freguesia de Palmela, a adega de Algeruz - exemplar emblemático da “moderna” arquitetura do Vinho com uma singular tecnologia de vinificação [1931.1945] -, foi classificada Imóvel de Interesse Municipal, em 2005.

²Depósitos de vinificação do sistema de ânfora argelino.

³Fernando Loureiro [1945], antigo trabalhador da Herdade de Algeruz. (AFO - Museu Municipal/NMVV, 2004).

⁴João Silva [1953], antigo trabalhador da Herdade de Algeruz. (AFO - Museu Municipal/NMVV, 2005).



Candeias a carboneto
Fotografia: Bruno Damas, 2015